

## NOTAS TEÓRICAS E DE CAMPO SOBRE NOVAS ATRIZES E PRÁTICAS DO(S) FEMINISMO(S) CONTEMPORÂNEO(S) A PARTIR DA MARCHA DAS VADIAS DE BELO HORIZONTE<sup>1</sup>

Cyрана Borges Veloso<sup>2</sup>

192

**Resumo:** Este trabalho traz notas teóricas a partir de bibliografias recentes sobre os movimentos feministas contemporâneos juntamente com notas de campo – trazidas por meio de observação participante e trechos de entrevistas feitas entre os anos 2014 e 2015 – no interior da Marcha das Vadias de Belo Horizonte. O trabalho segue as etapas de campo sugeridas por Becker: seleção e definição de problemas, conceitos e indicadores, o controle sobre a frequência e a distribuição de fenômenos observados e a incorporação de descobertas individuais num modelo da organização em estudo e por fim uma análise final. Análise essa, que levanta apresentações de evidências que versam sobre as mudanças, descontinuidades e transformações no repertório, nas pautas, na forma de organização e nas estruturas dos movimentos feministas no pós-segunda onda no Brasil, identificado aqui como *feminismos contemporâneos*. Todavia, os indicadores que nortearam, sem limitar, as observações de campo feitas em 2015, foram principalmente: a participação de homens (cisgêneros e de orientações sexuais diversas) no movimento e a relação – muitas vezes conflituosa – entre gerações, e com outros movimentos feministas (como as feministas radicais e as feministas negras). Esses indicadores permitiram articular a análise dos dados obtidos com a observação participante e com o diálogo teórico-conceitual sobre o que escolhemos chamar de *feminismo contemporâneo* nesse trabalho. Concluímos, portanto, que alguns destes indicadores não são exclusivos do movimento da Marcha das Vadias, mas são características do próprio movimento feminista na contemporaneidade.

**Palavras-chaves:** Feminismo Contemporâneo; Movimento Feminista; Marcha das Vadias; Gênero; Movimentos Sociais.

---

<sup>1</sup> Tanto a parte teórica, como as observações de campo e entrevistas trazidas neste artigo, são fruto da etnografia feita para a dissertação da autora, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFMG, e apresentada em julho 2016.

<sup>2</sup> Graduada em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: cyrana.veloso@gmail.com

## Notas teóricas sobre o *Feminismo Contemporâneo*.

O movimento feminista vem sendo compreendido e interpretado, pela literatura de referência desse artigo, por dois distintos momentos, descritos como duas “ondas”, sendo elas definidas, fundamentalmente, “pelos períodos históricos em que se inserem e pela apresentação de rupturas, descontinuidades e mudanças em suas pautas, atrizes, conquistas e interesses” (VELOSO, 2016, p. 40) Tais ondas são especialmente demarcadas pelas práticas, discursos e dinâmicas do feminismo: apontam-se cruciais diferenças entre o movimento iniciado nas décadas finais do séc. XIX (“primeira onda”) e o empreendido a partir década de 1960, quando despontam inéditas singularidades, rupturas e descontinuidade (“segunda onda”).

A partir da década de 1990, as pesquisas dedicadas ao feminismo brasileiro apontam para a existência de mudanças nos modos de ser, pensar e agir do movimento. Para falar do movimento feminista pós-segunda onda, há bibliografias que assumem uma “terceira onda” (GARCIA, 2015) ou “terceira geração” (GOMES & SORJ, 2014), enquanto outras literaturas chamam esse novo momento de *feminismo contemporâneo* (MALUF, 2006; GONÇALVES, FREITAS & OLIVEIRA, 2013). Como pretendemos assumir aqui, o *feminismo contemporâneo*, que vem se desenvolvendo no pós-segunda onda, localizado temporalmente a partir dos anos 90, tem continuidades, superações e ampliações, de acordo com seu momento histórico, suas possibilidades, e seu contexto político e social em relação aos momentos anteriores.

Neste contexto as “diferenças” passam a ganhar luz e terreno dentro do movimento feminista. As multiplicidades e diversidades, que antes eram latentes, frente às pautas *mainstream* e apenas cerceavam o movimento feminista, passam ocupar espaço significativo. Logo, é possível dizer que marcadores como raça, cor, sexualidade, classe, geração, etnia, etc. se tornam centro das discussões e disputas a ser entendidas como constitutivas do *feminismo contemporâneo* como explicitado por Maluf (2006):

O que parece ser novo é o lugar político que essa diferença passa a ter: se antes questões como raça, sexualidade etc., marcavam especificidades (as negras, as lésbicas, etc., eram o ‘outro’ dentro do feminismo) em relação à ‘identidade maior’ (mulheres e/ou feministas), hoje não é mais possível pensar, de acordo com esses discursos da diferença, nessa ‘identidade maior’ sem passar pelas diferenças, ou, melhor dito, se antes essas questões eram especificidades em relação à questão geral da ‘mulher’, hoje elas tomaram o lugar da própria ‘questão geral’. Se antes a lesbianidade, a negritude etc., eram recortes dentro da categoria mulher, hoje são categorias que passam a ter centralidade e

autonomia em relação a esse significante antes englobador (MALUF, 2006, p. 4).

Neste novo momento, se percebe uma mudança no lugar ocupado por mulheres lésbicas, negras, indígenas e transexuais, que sempre circularam por espaços e movimentos feministas, mas sempre situadas como “outras”, em um feminismo central constituído por um perfil branco, heterossexual, classe média e academicista (GARCIA, 2011; CARDOSO, 2004; ALVAREZ, 2014; MALUF 2006). O feminismo pós-segunda onda veio propiciar lugar de fala, a articulação e a organização destas atrizes periféricas em prol de um protagonismo próprio, da busca pelo lugar e pela identificação como sujeitas políticas.

A “reviravolta da multiplicidade” é iniciada via articulação e requisição das mulheres negras. Sobre os conflitos das mulheres negras com o movimento feminista “branco”, Santos (2009), explica que “tais diferenças originaram-se e eram marcadas por circunstâncias socioeconômicas, históricas, culturais, geográficas e políticas, as quais posicionavam mulheres brancas e negras em lados opostos na sociedade brasileira” (SANTOS, 2009, p. 278). Assim, as mulheres negras dão outro tom ao imperativo do movimento feminista: a necessidade de repensar a conformação da unidade do feminismo e os modos como esta conformação podia suprimir diferenças, ainda que as agregando.

Butler evidencia que a problemática do sujeito acabou se tornando (já nos anos 80, quando as mulheres negras denunciaram, nos Estados Unidos, o caráter branco desse ‘nós’) a divergência (“o racha”) central do feminismo. Não apenas os sujeitos e a categoria de sujeito é um campo de disputas, como a própria categoria ‘mulher’. Para a autora: “Recusar essa disputa é sacrificar o ímpeto democrático radical da política feminista” (MALUF, 2006, p. 8).

Para além da agremiação dessa polifonia, há outros importantes apontamentos e observações características desta transformação no movimento feminista. Um exemplo bastante simbólico e específico da composição deste “novo” feminismo é a problematização do que é ser mulher. Segundo Maluf (2006), no 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe houve um importante debate sobre a participação ou não de mulheres transexuais, requerentes de um protagonismo feminista – e neste sentido, feminino – em espaços de fala e de ação hegemonicamente construídos por “outras”. O sujeito feminino tradicional (GARCIA, 2015) estabelecido é posto em xeque, em detrimento do empoderamento de sujeitas, até então, “outsiders” no movimento.

Quando se fala de *feminismo contemporâneo*, um ponto que não pode deixar de ser mencionado é o uso político da Internet, já que ela permitiu a constituição de redes que aprofundaram contatos de diferentes organizações e grupos feministas. Grupos estes que, apesar de já existirem, tiveram suas ações facilitadas pelo uso ativista da internet, mais especificamente de redes sociais como *Facebook*, *Twitter* e *Blogs*. Criando assim, outras formas de expandir e comunicar suas ideias, suas ações e pautas, discutindo e construindo os vários movimentos feministas que estão em diálogo, porém muitas vezes em disputa, não só nas ruas, na academia como também na *web*. (ALVAREZ 2014; FRANÇA, FACCHINI 2016)

Por fim, pautas como identidade gênero, corporeidade e sexualidade, e, “por exemplo, o transfeminismo, o transgênero, o pós-gênero, o *queer*, e outros debates trazidos pelas trabalhadoras do sexo, mulheres trans, lésbicas, e bissexuais” (ALVAREZ, 2014) também ganham espaço e podem ser alguns dos marcadores de descontinuidade com feminismos de ondas anteriores, contribuindo para impulsionarem o debate no movimento feminista gestado na contemporaneidade.

### **Notas de campo: a Marcha das Vadias de Belo Horizonte como um caleidoscópio do *feminismo contemporâneo*.**

Um dos recursos usados por autoras e pesquisadoras, para compreensão das dinâmicas do *feminismo contemporâneo*, é o estudo de movimentos, encontros e eventos feministas brasileiros. Tais autoras possuem trabalhos de investigação sobre movimentos, grupos, eventos e/ou encontros feministas, como é o caso das produções das autoras Gomes & Sorj (2014)<sup>3</sup>, Maluf (2006)<sup>4</sup>, Adrião (2008)<sup>5</sup>, Alvarez (2014)<sup>6</sup> e Gonçalves (2016)<sup>7</sup>.

---

<sup>3</sup> Carla Gomes & Bila Sorj, em seu artigo “Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil”, apresentam alguns resultados preliminares da pesquisa de doutorado da primeira autora (orientada pela segunda), sobre o movimento Marcha das Vadias, tendo como recorte o movimento da Marcha no Rio de Janeiro.

<sup>4</sup> Sonia Maluf (2006) relata o estudo de caso sobre o que presenciou em sua participação no 10º Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe, em 2005, São Paulo.

<sup>5</sup> Adrião (2008), em sua tese publicada em 2008, elege como objeto de estudo, a partir de uma perspectiva etnográfica, os grandes encontros nacionais acadêmico, governamental e do movimento feminista, entre os anos de 2004 e 2006.

<sup>6</sup> No texto “Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista”, de 2014, a autora Sonia Alvarez fala sobre sua vinda ao Brasil em 2014 para estudar grupos feministas de diversas vertentes em várias cidades no país.

<sup>7</sup> Em seu artigo mais recente, a socióloga Eliane Gonçalves “analisa processos de formação, permanência e perspectivas de futuro em narrativas de três gerações de feministas no Brasil, refletindo sobre estratégias de

Os estudos citados são recentes - produzidos nos últimos dez anos- e a partir do levantamento bibliográfico prévio se constata que não há uma extensa produção teórica sobre esse tema (que ainda se constitui). Portanto, investigações e análises dos diversos grupos e movimentos feministas ajudam a conformar um *hall* de perspectivas e teorias capazes de dar luz à interpretação do(s) movimento(s) feminista(s) contemporâneo(s) de forma mais abrangente.

Desse modo, para contribuir com o debate sobre o tema, destaco um movimento feminista gestado nos tempos atuais que acredito carregar consigo, empiricamente, muitas características do feminismo pós-segunda onda, mencionadas nos parágrafos anteriores. Esse movimento é a Marcha das Vadias (MDV). Para falar dessas características trarei algumas notas de campo, fruto da observação participante e entrevistas, feitas por mim entre os anos de 2014 e 2015, dentro da Marcha das Vadias da cidade de Belo Horizonte (MDV- BH).

Uma rápida contextualização do que é a Marcha das Vadias (MDV) e sua origem é necessária. A primeira MDV aconteceu em várias cidades do Brasil (incluindo Belo Horizonte) no ano de 2011. Porém sua origem não se deu no Brasil e sim em um episódio ocorrido no Canadá, também em 2011: a declaração de um policial - diante de recorrentes casos de estupro no campus da Universidade de Toronto - responsabilizando as próprias mulheres pela violência sofrida, foi o estopim para a organização e surgimento da primeira Marcha das Vadias, na cidade de Toronto. Assim, a Marcha das Vadias (MDV) em seu nascimento, teve como destaque o questionamento da naturalização da violência contra as mulheres, a marcha assumiu como lema/título, a expressão preconceituosa do próprio policial, que alertou as estudantes que evitassem se vestir como “vadias” para não se tornarem vítimas em potencial de assédios e estupros.

Destacarei aqui, algumas questões e situações, no interior da Marcha das Vadias de Belo Horizonte (MDV-BH), ocorridas em campo no período já mencionado acima. Começo esclarecendo que apesar do meu recorte temporal para a observação participante ter sido marcado pelas reuniões, debates e eventos da MDV-BH, de janeiro até o mês de

---

transmissão em dois âmbitos – Organizações e coletivos; núcleos de pesquisa. Nele, busco responder às perguntas: 1) O que faz o movimento feminista se manter no tempo? 2) Onde e como o feminismo está se ‘renovando’ de modo mais ‘eficaz’? 3) Como está a sua distribuição no tripé ‘sociedade civil’, universidade, Estado?’ (GONÇALVES, 2016, p. 341)

julho de 2015, incluindo a marcha na rua da MDV-BH (momento “*in locus*” do movimento), é essencial destacar que não serão descartados dados das observações que foram feitas no segundo semestre de 2014, ou seja, antes desse recorte de tempo mencionado acima. Pois, creio que esse momento foi crucial para o primeiro estágio da pesquisa de campo, que segundo Becker (1999) consiste em seleção e definição de problemas, conceitos e índices: “esteja ele definindo problemas ou selecionando conceitos e indicadores, o pesquisador está, neste estágio, utilizando seus dados somente para especular sobre possibilidades” (BECKER, 1999, p. 52). É buscado então, em 2014, produzir uma primeira compreensão do movimento estudado e por itens que serviram de indicadores para a pesquisa.

Ainda neste primeiro estágio, Becker (1999) diz que, a conclusão deste primeiro momento de observação nada diz sobre a frequência ou distribuição do fenômeno. O pesquisador/pesquisadora nesse estágio, usa os dados somente para especular sobre as possibilidades e apontar possíveis indicadores (BECKER, 1999, p. 50). Portanto, os indicadores que surgiram das conversas e embates desta primeira reunião<sup>8</sup> que participei, ajudaram a embasar (não de maneira estanque) as observações feitas ao logo de 2015. Os indicadores foram: (i) a participação de homens (cisgêneros e de orientações sexuais diversas) no movimento; (ii) a relação – muitas vezes conflituosa – com outros movimentos feministas como as feministas radicais e as feministas negras. Particularmente esse segundo indicador, será melhor trabalhado e descrito neste artigo. Creio que algumas destas questões não são exclusivas do movimento da Marcha das Vadias, mas são características do próprio movimento feminista contemporâneo. Como aponta Gomes e Sorj (2014) que estudaram o movimento da Marcha das Vadias da cidade do Rio de Janeiro:

[...] a significativa presença, entre as organizadoras da Marcha das Vadias, e entre os participantes do protesto de rua, de mulheres que reivindicam identidades não hegemônicas (LGBT) e, ainda, de homens que expressam identificação com o feminismo, mostra uma ruptura com os feminismos de

---

8 Estão reunião foi uma ‘reunião de avaliação’ convocada via Facebook da MDV-BH. O objetivo era avaliar e discutir sobre como foi a caminhada da MDV-BH que aconteceu no primeiro semestre de 2014. Como não fui na caminhada da Marcha das Vadias naquele ano, pois estava iniciando meu mestrado e não tinha certeza sobre qual e quando seria meu campo, fiquei receosa de comparecer a reunião de avaliação por não ter me envolvido ativamente me nenhuma atividade da MDV-BH daquele ano. Porém ao resolver participar foi inevitável observar que aquele momento deveria ser incluso no campo, já que as dinâmicas ali apresentadas, foram essenciais para que eu entendesse melhor algumas dinâmicas da MDV-BH, como os conflitos, principais figuras, como se organizavam, entre outras.

décadas anteriores. O sujeito político do feminismo aparece mais diversificado e não se define exclusivamente pela identidade sexual e biológica da mulher. Isto talvez marque a principal descontinuidade com o feminismo anterior, que é fortemente exclusivista em relação às mulheres (GOMES; SORJ, 2014, p. 438).

Depois de selecionar os indicadores mencionados anteriormente, foi dado o passo para o segundo e terceiros estágios da observação de campo. No segundo estágio, Becker (1999) diz que se define quais são os problemas, conceitos e indicadores que valem a pena serem aprofundados, que no caso deste artigo se concentrará nos problemas, embates e diferenças que a MDV-BH tem com outros movimentos feministas. Ainda de acordo com o autor, se realiza essa atividade descobrindo se os acontecimentos que incitaram seu desenvolvimento são típicos ou disseminados, e ainda observa como estes acontecimentos estão distribuídos entre as categorias de pessoas e subunidades organizacionais.

No terceiro estágio, se concebe um modelo descritivo que melhor explica os dados que reunidos. A afirmação típica deste terceiro estágio da pesquisa é uma afirmação sobre um conjunto de complicadas inter-relações entre muitas variáveis. A partir da construção de diversos modelos parciais o pesquisador/pesquisadora busca as relações existentes entre eles e começa a construir um modelo global da organização como um todo. (BECKER, 1999, p. 58-59)

Sendo assim, para começar a falar sobre a Marcha das Vadias de Belo Horizonte (MDV-BH) é importante discorrer sobre sua organização, que tem um caráter supostamente (como detalharemos mais à frente no artigo) descentralizante de poder e hierarquia. Segundo as participantes do movimento, não há uma rigidez de lideranças, normatizações, ordenações e posições, permitindo que haja uma fluidez nas tomadas de decisão, e, em teoria, a possibilidade de fala e argumentação pode ser partilhada por todas.

Para atrair colaboradoras a MDV-BH organiza reuniões periódicas de mulheres feministas interessadas em organizar e construir a marcha/caminhada anual pelas ruas de Belo Horizonte. Nestas reuniões não é permitido homens, porém no dia da marcha de rua em si, não há veto sobre participação de homens apoiadores das causas feministas.

Entretanto, durante a primeira reunião que participei em 2014, surgiu uma polêmica em torno da participação dos homens. Foi levantada a pauta sobre a quantidade “excessiva” de homens na marcha/caminhada de rua daquele ano (2014). Uma parcela significativa das participantes daquela reunião avaliou o número alto de homens como “ameaça à segurança”, “silenciamento e constrangimento das lésbicas na marcha” e



“tomada de protagonismo das mulheres na Marcha das Vadias de Belo Horizonte (MDV-BH).

A Marcha das Vadias de Belo Horizonte (MDV-BH) possui disponível um manifesto que foi construído por várias participantes, esse manifesto visa deixar mais claro os seus objetivos, suas pautas e lutas. O manifesto esclarece também qual o posicionamento daquele movimento sobre assuntos diversos que tangenciam o movimento feminista, inclusive a respeito da participação de homens. Segue fala de uma das organizadoras entrevista por mim, sobre a construção do manifesto:

199

Laura: (...) acho que foi muito importante a gente ter conseguido fazer um manifesto (...) que marca o que a Marcha é. Porque todo ano tinha aquela coisa, dela tentar ser horizontal, chegar em muitas pessoas novas, com ideias de mudanças pra Marcha, radicais, que transformariam a Marcha em outra coisa.  
Pesquisadora: Que coisas?

Laura: De não chamar Vadias, de homem ou não... aí o manifesto foi marcando coisas importantes; que a Marcha é apartidária, que nenhum partido então vai tomar conta dela. Eu acho isso crucial. Que ela tem seus princípios, né? **Que homem participa, não da organização, mas que no dia participa.** Que ela tem uma ideia *Queer*, no sentido de desconstrução das identidades estereotipadas. Que ela é a favor do aborto. Que ela se faz junto com as mulheres prostitutas, as mulheres trans. Então qualquer pessoa que queira construir a Marcha, faz, mas a partir desse parâmetro. Porque isso não está em disputa mais. Porque aconteceu esse desgaste de: então vamos mudar o nome? E é difícil, porque as pessoas novas chegam, mas... E eu sempre defendi que se a Marcha perde características mínimas que fazem dela ser a Marcha das Vadias, ela se transforma em outro movimento. Então não precisa da Marcha, ué? Tem outras, Marcha Mundial das Mulheres. **Vai participar de outras então, não faz sentido.** (grifo meu)<sup>9</sup>

O manifesto começa esclarecendo que, desde o seu início em 2011, a MDV-BH trabalha (ou, pelo menos, tenta trabalhar como veremos mais adiante) “a partir de uma perspectiva interseccional”. Historicamente, o termo *interseccional*, apesar de já existir anteriormente, foi cunhado pela teórica afro-americana Crenshaw nos anos 80. É um conceito originalmente pensado para dar sentido às lutas e experiências das mulheres negras já que suas particularidades não tinham lugar para serem discutidas, nem no debate feminista nem no debate antirracista (CRENSHAW, 2002).

Esse conceito/prática passou a ser usado por alguns movimentos feministas, há algumas décadas, para trazer para o debate lutas e reivindicações feministas, a intersecção de uma série de categorias, não só de raça, como também de classe, gênero, etnia e

---

9 LAURA. Entrevistada [abril. 2016] Entrevistadora: Cyrana Borges Veloso. Belo Horizonte, 2016.

capacidades físicas/mentais, por exemplo. Segundo Alvarez (2014), autora que fez um trabalho de campo com militantes de movimentos feministas no Brasil, dentre eles a Marcha das Vadias de algumas cidades, elucida que:

Há também outras teias e discursos articuladores que caracterizam o atual momento. Debates sobre as corporalidades, sexualidades, e identidades de gênero também têm sido particularmente marcantes, como, por exemplo, o transfeminismo, o transgênero, o pós-gênero, o *queer*, e outros debates trazidos pelas trabalhadoras do sexo, mulheres trans, lésbicas e bissexuais. Outros setores, como as Marchas das Vadias, contribuem para as discussões ao impelirem o campo feminista *para além dos binarismos de gênero*, muito além dos essencialismos corporais – mesmo diante contínuas resistências. Esses discursos fundamentalmente implodem não só a categoria “mulher”, mas a própria noção do feminismo, de quem seriam os seus sujeitos privilegiados e sua visão de mundo compartilhada – elementos centrais na constituição de campos discursivos de ação, incluindo tanto o universo trans quanto os movimentos de mulheres negras (ALVAREZ, 2014, p. 44).

Visando essa perspectiva interseccional, as reuniões se propõem a serem abertas sendo todas as mulheres bem-vindas, inclusive mulheres trans. Apesar disso, na prática, durante todo o tempo da minha observação, não houve participação das mulheres trans nas reuniões, apenas em festas organizadas para angariar dinheiro. Porém, na marcha/caminhada de rua, pude identificar algumas mulheres e homens trans, sendo algumas dessas pessoas conhecidas por ter posição de destaque no movimento LGBTQI+ de Belo Horizonte. Já as mulheres negras eram minoria nas reuniões: duas ou três compareceram em metade das reuniões que acompanhei. E durante a marcha/caminha de rua, era visível que mulheres negras eram significante minoria entre as mulheres presentes. Algumas das mulheres negras presentes eram ligadas a outros movimentos sociais como as Brigadas Populares de Belo Horizonte, ou estavam tocando nos coletivos e blocos que acompanharam e animaram a marcha/caminhada de rua.

Inclusive, durante a marcha/caminha da MDV-BH do ano de 2015, um fato interessante aconteceu quando uma mulher negra ativista das Brigadas Populares, se aproximou de uma organizadora da MDV-BH (as duas já se conheciam) para pedir o megafone para dar um recado. A fala da mulher negra foi para alertar que, no dia anterior àquele, manifestantes e moradores de uma ocupação de Belo Horizonte, sendo estes homens e principalmente mulheres, segundo ela, foram presos durante ato contra o despejo emitido pelo Estado de Minas Gerais.

Porém, a sua fala não se limitou a informar sobre o acontecimento, que inclusive teve muito destaque na mídia local naquele dia: ela também usou o espaço de fala para



fazer uma crítica a Marcha das Vadias (MDV) e sua branquitude<sup>10</sup>. Já que sua fala se estendeu dizendo, em tom de indignação e protesto, que enquanto aquele evento reunia mulheres brancas e privilegiadas, havia mulheres pobres e negras da ocupação que estavam presas, e que a Marcha das Vadias (MDV) deveria se juntar a outros movimentos e protestar naquele momento contra as prisões e a violência policial que as mulheres da ocupação sofrerá na manifestação do dia anterior.

As reações em torno da fala da ativista negra se dividiram entre olhares de estranhamento, incômodo (principalmente entre as organizadoras, em sua maioria brancas) e aplausos e gritos de apoio em meio ao público presente, que era também composto por homens héteros e gays cisgêneros. Inclusive um destes homens gays, estava conversando alto (não pude entender o que ele falava no momento) durante a fala da ativista negra e foi repreendido por isso, por outras mulheres, que o mandaram ‘calar a boca’, pedido que aparentemente o constrangeu.

Esse momento da caminha da MDV-BH, assim como muitos outros ocorridos durante a observação no ano de 2015 e demais momentos recuperados em meio as falas das entrevistas colhidas em campo, corrobora que os indicadores que surgiram na primeira reunião que participei em 2014. Já que aponta que os conflitos com outros movimentos, correntes feministas e o incômodo com a participação de homens (gays/héteros cis) eram acontecimentos típicos no interior da Marcha das Vadias de Belo Horizonte e faziam parte de sua história.

Talvez por isso, seja sintomático que entre os anos de 2014 e 2015, a Marcha das Vadias de Belo Horizonte (MDV-BH), viu muitas de suas participantes se afastarem, bem como novas chegarem, por motivos variáveis, podendo ser pessoais ou por discordâncias com o movimento. Mais especificamente, posso pontuar o afastamento voluntário de mulheres vinculadas a três grupos distintos: o primeiro, de mulheres heterossexuais, brancas, de classe média e mais velha, com ou sem filhos e/ou casadas; o segundo, de grupos de mulheres negras.

---

10 “Em sua experiência de luta contra o sexismo e o racismo, as feministas negras americanas estiveram entre as primeiras a reconhecer a branquitude como condição social, cujas características devem ser analisadas (Hull, Bell Scott e Smith, 1982; Anzaldúa, 1987; Lorde, 2007). Também no Brasil, ao chamarem a atenção para o modo como o racismo determina as experiências de sexismo, as feministas negras identificaram a branquitude como condição social não transparente, não neutra (Gonzalez, 1983; Ribeiro, 1995). Os estudos sobre a branquitude demonstraram como a condição social do branco varia de acordo com a época histórica e os contextos culturais. A branquitude deve ser entendida como um processo histórico e cultural e não como um fato em si (Frankenberg, 1999 e 2001)” (Corossacz, 2014, p. 44).

Algumas dessas mulheres, após saírem MDV-BH, se dedicaram a militar em outros movimentos sociais e/ou outros movimentos feministas de vertentes ditas ‘opostas’ à da Marcha das Vadias. Como de feministas negras e de feministas radicais – como por exemplo o coletivo de Belo Horizonte, chamado Grupa Ação e Resistência Radical Feminista – (GARRa Feminista)<sup>11</sup> que tem e já teve entre suas militantes e fundadoras membras que, no passado, militaram na MDV-BH. Inclusive na reunião de avaliação da MDV-BH, que acompanhei em 2014, identifiquei a participação de pelo menos uma integrante negra da GARRa. Este mesmo grupo, no ano de 2015, participou da caminhada/marcha de rua da MDV-BH, levando uma faixa com os dizeres: ‘Por um mundo onde nenhuma mulher seja chamada de vadia.’ Além disso, durante a marcha da MDV-BH, as membras da GARRa Feminista distribuíram panfletos com o seguinte título: ‘Aborto é uma questão feminista radical!’. Ou seja, todo material distribuído pelas feministas radicais durante a marcha da MDV-BH, foi para marcar oposição - as ideias ‘feministas liberais’ - segundo consta em uma postagem no blog da GARRa:

A Marcha das Vadias é um movimento liberal, que defende sistemas de exploração do sexo feminino- como a prostituição e a pornografia - como trabalhos comuns ou até mesmo formas de “empoderamento”, sem um questionamento profundo da dominação dos homens sobre as mulheres na sociedade. (...) um movimento que se fundamenta em argumentos do liberalismo político, como a Marcha das Vadias, e entende o feminismo não como o Movimento de Libertação da classe das Mulheres, mas como “direito a escolha” (individual) ou “empoderamento” (também individual), não consegue construir um discurso sobre aborto que caminhe para a nossa libertação (GARRa Feminista, 2015).<sup>12</sup>

Na visão de uma das organizadoras mais ativas da Marcha das Vadias de Belo Horizonte (MDV-BH) as militantes negras que chegaram a se envolver com o movimento, e tantas outras que conhecem a marcha apenas “do lado de fora”, acreditam que os interesses, pautas e formas de ação da Marcha das Vadias discordam muitas vezes com a militância, as práticas e a história do movimento feminista negro, por exemplo. De acordo com uma das minhas entrevistadas (sendo essa, uma ex-membra da organização da MDV-

---

11 Grupa Ação e Resistência Radical Feminista (GARRa) é um grupo de mulheres feministas radicais de Belo Horizonte. Disponível em: <https://garrafeminista.wordpress.com/quem-somos/>. Acesso em 3 de Julho de 2015.

12 Pedaco do texto intitulado: ‘Marcha das Vadias: movimento feminista ou carnaval queer?’ Postado em julho de 2015 no blog da GARRa Feminista: Disponível em: <https://garrafeminista.wordpress.com/2015/07/>.

BH) o perfil das participantes que construíram a MDV-BH, e participaram de encontros e reuniões, variou muito ao longo dos anos. Já estiveram à frente da organização da MDV-BH mulheres mais velhas e/ou mães, mulheres jovens, lésbicas, inclusive mulheres negras, que, segundo ela, foram muito ativas no passado, na construção da Marcha das Vadias de Belo Horizonte (como no caso de uma das participantes do movimento feminista radical, a GARRa Feminista e a ativista negra das Brigadas Populares que se manifestou no dia da marcha, no caso já contado anteriormente).

Talvez por isso, é possível dizer - não só por meio de afirmações das minhas entrevistadas mas também por meio de observações de campo - que mesmo que discretamente e em menor número, há histórico de participação de feministas negras, como também de feministas transsexuais e até mesmo de feministas de vertentes autointituladas radicais, na construção da MDV-BH ao longo de sua existência<sup>13</sup>.

Portando, tanto nas reuniões de construção da Marcha das Vadias de Belo Horizonte (MDV-BH) como na caminhada, foi possível ver participação, colaboração e envolvimento de diversas mulheres independentes ou que militavam em outros movimentos feministas, mesmo que essa participação muitas vezes fosse permeada de desconfianças, contrapontos e dissensos – como aconteceu, por exemplo, em 2014, quando houve a problematização, nas reuniões, de como a presença masculina era vista não só como ameaça à segurança das mulheres manifestantes, como também certo roubo de protagonismo que apagava as mulheres como sujeito político do movimento.

Outro exemplo de discordância e desconfiança, ocorreu quando as mulheres negras que participaram de duas ou três reuniões e parcialmente ajudaram a construir a MDV-BH em 2015 resolveram não comparecer no dia da caminhada. Segundo esclarecido por elas, o motivo era que aquele momento (o perfil e pautas levantadas durante marcha/caminhada) não as representava. Mesmo que essas mulheres tenham colaborado e se envolvido ao longo de 2015 com a MDV-BH, tanto dentro das redes sociais

---

13 A primeira Marcha das Vadias aconteceu na cidade de Belo Horizonte em 2011 como já citado e a última aconteceu em 2015, não havendo desde 2016 até a finalização deste artigo, em 2018, qualquer indício ou movimentações em direção a construção de algum evento de rua organizado pelo movimento. Importante citar também que outras Marchas das Vadias de outras cidades ao redor do Brasil pararam de acontecer nos últimos anos, apesar de ainda haver atividades em suas páginas no *Facebook*. Este evento não foi investigado por mim neste artigo, mas certamente merece um aprofundamento em pesquisas posteriores.

(*Facebook* e grupo de *Whatsapp*), quanto nas reuniões, confraternizações e festas. Ou até mesmo o caso da militante negra das Brigadas Populares que em 2015, participou da caminhada da Marcha das Vadias de Belo Horizonte, mas usou o espaço para fazer uma crítica veemente ao perfil e as pautas da Marcha das Vadias, mesmo que em anos anteriores, como relevado a mim por entrevistadas e já citado anteriormente, essa mesma militante já tenha se envolvido ativamente com a MDV-BH.

## Considerações Finais

Após descrição de alguns momentos e algumas dinâmicas das reuniões e da caminhada/marcha da MDV-BH em 2015, trazidos aqui mediante a tarefa de imersão no campo por meio da observação participante, chegamos ao quarto estágio da análise de campos. Os três primeiros, de acordo com Becker (1999), são “a seleção e definição de problemas, conceitos e índices; o controle sobre a frequência e a distribuição de fenômenos; e a incorporação de descobertas individuais num modelo da organização em estudo”. Então, o último estágio, presente aqui, será uma breve análise final que “envolve problemas de apresentação de evidências e provas” (BECKER, 1999, p. 61-62).

Pude perceber, durante a minha observação e em entrevistas, que as participantes da MDV-BH, trazem em sua militância no movimento, práticas e concepções como sororidade e intersecção de diferentes opressões, na tentativa de entender e respeitar as vivências e experiências de diferentes grupos e indivíduos. Mas o que é entendido como sororidade e intersecção de pautas não é consensual.

Enquanto, para algumas militantes da Marcha das Vadias de Belo Horizonte (MDV-BH) a sororidade está em “transformar a sociedade para torná-la menos violenta para mulheres, e isso inclui as companheiras de luta, mesmo nos momentos em que elas erram”<sup>14</sup>, para outras não é possível “privilegiar uma ideia de sororidade polarizada e maniqueísta, pautada na androfobia, transfobia e silenciamento das discordâncias”.<sup>15</sup> Já a

---

14 Trecho retirado da *Facebook* da Marcha das Vadias de Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.facebook.com/marchadasvadias/posts/802398503127106>. Acesso em: 28/08/2014

15 Trecho retirado de um manifesto de desligamento da MDV-BH, de uma até então integrante, descontente com os rumos do movimento. O manifesto foi postado na página pessoal (e fechada) do *Facebook* da integrante da Marcha das Vadias de Belo Horizonte. Disponível em: <https://www.facebook.com/notes/#####/carta-aberta-%C3%A0-vadiagem-de-bh/727123843991614/>. (O espaço contendo o nome da pessoa que postou o manifesto, como é uma conta privada escolhi não revelar o nome da integrante tratada na pesquisa com o nome fictício de Ana) Acesso em: 28/08/2014.



intersecção de opressões e identidades e lugar de fala, muitas vezes é falha, ao dar luz e espaço a apenas alguns grupos. Já que no período observado a organização da MDV-BH foi composta em sua maioria por mulheres jovens em idade escolar (meninas recém-formadas na escola ou cursando cursinhos pré-vestibulares), mulheres adultas em contato com a universidade como graduandas e até pesquisadoras, com mestrados e doutorados em andamento, brancas, de classe média e cisgêneras.

É percebido também que a suposta interseccionalidade que a MDV-BH afirma ‘praticar’ está mais presente no discurso do que em seu *modus operandi*. Uma vez que a MDV-BH, veio ao longo de sua existência, dando pouco espaço e até repelindo de algumas forma (consciente ou inconscientemente) as mulheres que questionam alguns pontos como na fala de uma das entrevistadas; “de não chamar Vadias, de homem ou não.[...] E eu sempre defendi que se a Marcha perde características mínimas que fazem dela ser a Marcha das Vadias, ela se transforma em outro movimento. Então não precisa da Marcha, ué? Tem outras, Marcha Mundial das Mulheres. Vai participar de outras então, não faz sentido.”<sup>16</sup>

Importante marcar aqui que a crítica, ligada a expressão ‘Vadias’, é trazida especialmente pelas mulheres feministas negras. É uma crítica recorrente que o movimento feminista negro vem fazendo desde a primeira marcha ocorrida no Canadá em 2011, como na carta aberta, publicada no site *Black Women’s Blueprint* em setembro de 2011 (ano em que a primeira *Slut Walk* ocorreu no Canadá). A carta intitulada ‘Carta aberta de mulheres Negras para a Marcha das Vadias’ dizia:

Estamos perplexas pelo uso do termo ‘Vadia’ e a implicação de que esta palavra, bem como as palavras “puta” ou “The N word” deveriam ser ‘reapropriadas’. (nota da tradução: “The N word” se refere à palavra ofensiva usada historicamente contra pessoas negras nos EUA, palavra esta que tem passado por uma enorme banalização no país). A maneira como somos percebidas, e o que acontece conosco antes, durante e após o assédio sexual vai muito além das barreiras do modo como nos vestimos. Muito disso é ligado a nossa história em particular. Nos Estados Unidos, onde a escravidão construiu a sexualidade da mulher Negra, sequestros Jim Crow (nota da tradução: “Jim Crow” era o sequestro de crianças negras para serem vendidas como escravas) estupros e enforcamentos, representações de gênero incorretas, e mais recentemente, a luta das mulheres Negras imigrantes, “vadia” tem diferentes associações para mulheres Negras. Nós não nos reconhecemos nem vemos as experiências vividas por nós refletidas dentro da Marcha das Vadias, especialmente dentro da sua marca registrada. Como Mulheres Negras, não

16 LAURA. Entrevistada [abril. 2016] Entrevistadora: Cyrana Borges Veloso. Belo Horizonte, 2016.

temos o privilégio ou o espaço de nos chamarmos de “Vadia” sem validar a ideologia historicamente intrincada e recorrente de quem é a Mulher Negra. Nós não temos o privilégio de brincar com representações destrutivas que foram marcadas no nosso imaginário coletivo, nos nossos corpos e nossas almas por gerações. Apesar de compreendermos o ímpeto válido por trás do uso da palavra ‘vadia’ como linguagem usada para enquadrar e representar um movimento anti-estupro, estamos gravemente preocupadas. Para nós, a trivialização do estupro e a ausência de justiça são cruelmente ligadas às narrativas de vigilância sexual, acesso legal e disponibilidade da nossa humanidade.<sup>17</sup>

Ao longo do texto, foram apresentadas algumas discussões bibliográficas e dados de observação de campo. Tais análises da bibliografia e do campo, teve como objetivo rascunhar e contribuir para o debate sobre o que seria o pretense *feminismo contemporâneo* que se desenha no momento pós-segunda onda do movimento feminista. Foi instigado até aqui então, pensarmos as questões, pautas e sujeitos que estão em disputa neste novo momento de um feminismo ainda em construção.

A “crise de identidade” chega ao feminismo, quando se assume o pressuposto de que não existe nada no fato de ser “mulher” que naturalmente una as mulheres: “não existe nem mesmo tal situação ‘ser’ mulher” (HARAWAY, 1984, p. 52). Pensando na fragmentação das identidades, tal como colocada por Haraway (2009), podemos dialogar também com as considerações de Preciado (2011), que faz os seguintes apontamentos, em seu artigo/manifesto *Multidões Queer*, sobre a ruptura com a universalidade do que é ser mulher:

No plano teórico, essa ruptura inicialmente assumiu a forma de uma revisão crítica sobre o feminismo, operada pelas lésbicas e pelas pós-feministas americanas, apoiando-se sobre Foucault, Derrida e Deleuze. Reivindicando um movimento pós feminista ou queer, Teresa de Lauretis, Donna Haraway, Judith Butler, Judith Halberstam (nos Estados Unidos), Marie-Hélène Bourcier (na França), mas também as lésbicas chicanas como Gloria Anzaldúa ou as feministas negras como Barbara Smith e Audre Lorde, atacam a naturalização da noção de feminilidade que havia sido, inicialmente, a fonte de coesão do sujeito do feminismo. A crítica radical do sujeito unitário do feminismo, colonial, branco, proveniente da classe média alta e dessexualizado foi posta em marcha. Se as multidões queer são pós feministas não é porque desejam ou podem atuar sem o feminismo. Pelo contrário, elas são o resultado de um confronto reflexivo do feminismo com as diferenças que o feminismo apagou em proveito de um sujeito político “mulher” hegemônico e heterocêntrico (PRECIADO, 2011, s/p).

---

17 A carta foi traduzida e publicada no blog brasileiro Feminista Cansada. Disponível em: <http://www.feministacansada.com/post/44143444731>. Acesso em 02 de dezembro de 2018.

A crítica ao unitarismo do “ser mulher” se torna então um campo de construção e disputa. Concatenando a teoria e as bases empíricas de campo trazidas nesse artigo, é possível apontar que as “identidades fraturadas” vão se amoldando. É perceptível que existe, na Marcha das Vadias de Belo Horizonte (MDV-BH), uma multiplicidade de atrizes/sujeitas, pautas e agendas que aparecem nos discursos constitutivos e na história desse movimento.

Se apropriando de pautas e discursos dos feminismos de primeira e segunda onda, o *feminismo contemporâneo* busca desconstruções e fragmentações, com a expectativa de ampliar seu escopo constitutivo. Somente ser mulher não já torna uma pessoa capaz de falar por todas as outras. As múltiplas e concomitantes identidades não mais concorrem, mas convergem num feminismo muitas vezes transversal e diverso.

### Referências

ALVAREZ, Sônia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, janeiro-junho de 2014:13-56.

BECKER, Howard **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1999.

COROSSACZ, Valeria Ribeiro. Relatos de branquitude entre um grupo de homens brancos do Rio de Janeiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 105, p. 43-64, dez. 2014. Disponível em [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S218274352014000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S218274352014000300003&lng=pt&nrm=iso). acessos em 01 dez. 2018.

CARDOSO, Elizabeth. “Imprensa feminista brasileira no pós-1974”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, nº 12, setembro-dezembro de 2004

CORREIA, Mariza. Do feminismo aos estudos de gênero no Brasil: um exemplo pessoal. **Cadernos Pagu**, Campinas. n. 16, 2001, p. 13-30.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

FACCHINI, Regina; FERREIRA, Carolina Branco de Castro. Feminismos e violência de gênero no Brasil: apontamentos para o debate. **Cienc. Cult.**, vol. 68, no 3, São Paulo, 2016, pp.04-05.

GARCIA, Carla Cristina. Breve história do feminismo. São Paulo: Claridade, 2011.

\_\_\_\_\_. Os novos feminismos e os desafios para o século 21. *Cult*, São Paulo, v. 199, n. 18, s/p 03/2015. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2015/03/osnovosfeminismos-e-os-desafios-para-o-seculo-21/>. Acesso em: 03/11/2015

GOMES, Carla; SORJ, Bila. Corpo, geração e identidade: a Marcha das vadias no Brasil. **Sociedade e estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 433-447, ago. 2014.

GONÇALVES, Eliane. Renovar, inovar, rejuvenescer: processos de transmissão, formação e permanência no feminismo brasileiro entre 1980-2010. **Revista Brasileira de Sociologia**. Vol. 4, n. 7, jan./jun. 2016.

\_\_\_\_\_; FREITAS, Fátima; OLIVEIRA, Elismênnia. Das Idades transitórias: As “jovens” no feminismo brasileiro contemporâneo, suas Ações e seus dilemas. **Revista Feminismos**, Salvador, Bahia, NEIM/Universidade Federal da Bahia, nº 1(3), 2013.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz (org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

MALUF, Sônia W. (2006). Políticas e teorias do sujeito no feminismo contemporâneo [Resumo]. In **Anais do VII Encontro Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis: UFSC, 2006.

PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, abr. 2011

SANTOS, Sônia Beatriz dos. As ONGs de mulheres negras o Brasil. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, nº 12, v. 2, 2009, pp.275-288.

SNOW, David, Calvin Morrill and Leon Anderson. 2003. “Elaborating Analytic Ethnography: Linking Fieldwork and Theory.” *Ethnography* 4:181-200

VELOSO, Cyra B. 'Se ser livre é ser Vadias somos todas Vadias?' A Marcha das Vadias e os movimentos feministas brasileiros. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.8, n.5, p.33-41, jul. 2016.

## **THEORETICAL AND FIELD NOTES ON NEW ACTRESSES AND PRACTICES OF CONTEMPORARY FEMINISMS FROM THE SLUT WALK OF BELO HORIZONTE**

**Abstract:** This work brings theoretical notes from recent bibliographies on contemporary feminist movements along with field notes - brought by means of participant observation



and excerpts from interviews made between 2014 and 2015 – into the Slut Walk. The work follows the field steps suggested by Becker: selection and definition of problems, concepts and indicators, control over the frequency and distribution of observed phenomena and the incorporation of individual discoveries in a model of the organization under study and finally a final analysis raising some presentations of evidences that deal with changes, discontinuities and transformations in the repertoire, in the patterns, in the form of organization and in the structures of the feminist movements in the post-second wave in Brazil, identified here as contemporary feminisms. However, the indicators that guided, without limiting, the observation of the field made in 2015, were mainly: the participation of men (cisgender and diverse sexual orientations) in the movement and the relationship - often conflicting - between generations, and with other movements feminists (such as radical feminists and black feminists). These indicators allowed to articulate the analysis of the data obtained with participant observation and with the theoretical-conceptual dialogue about what we have chosen to call contemporary feminism in this work. We conclude, therefore, that some of these indicators are not exclusive to the movement of the Slut Walk but are characteristic of the feminist movement itself in contemporary times.

**Keywords:** Contemporary Feminism; Feminist Movement; Marcha das Vadias; Gender; Social Movements.

**Recebido em:** 08/09/2018

**Aceito em:** 23/11/2018